

A FAMÍLIA CORLEONE

ED FALCO

A FAMÍLIA CORLEONE

BASEADO NUM ARGUMENTO DE MARIO PUZO

TRADUÇÃO DE
ANA LOURENÇO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2014

Ao meu pai e à sua família, seis irmãos e duas irmãs, os Falco da Ainslie Street, Brooklyn, Nova Iorque, e à minha mãe e à sua família, os Catapano e Esposito do mesmo bairro — todos filhos de imigrantes italianos que trabalharam para ter uma vida boa e decente e a proporcionaram às suas famílias, aos seus filhos e aos filhos dos seus filhos, entre os quais há médicos, advogados, professores, atletas, artistas e tudo o mais. E ao nosso médico de família do bairro nos anos 40 e 50, Pat Franzese, que vinha a nossa casa quando estávamos doentes e nos tratava, muitas vezes de graça ou em troca do pouco que podíamos oferecer-lhe.

Com amor e desejos de tudo de bom e um grande respeito.

AGRADECIMENTOS

Obrigado a Neil Olson por me dar a oportunidade de escrever este romance. As personagens e os temas de Mario Puzo foram-se tornando mais atraentes e cativantes quanto mais profundamente eu os explorava. Obrigado a Tony Puzo e à família Puzo por aprovarem a escolha de Neil, e obrigado sobretudo ao próprio Mario Puzo, que sinceramente espero que tivesse aprovado *A Família Corleone*. A saga *O Padrinho* já entrara para o reino da mitologia americana durante a vida de Mario. Sinto-me honrado por ter tido esta oportunidade de trabalhar com um material tão rico.

Obrigado também a Mitch Hoffman pela sua revisão perspicaz, o seu encorajamento e o seu eterno bom humor; e a Jamie Raab, Jennifer Romanello, Lindsey Rose, Leah Tracosas e a todos os profissionais talentosos na Grand Central. Uma nota especial de agradecimento a Clorinda Gibson, que reviu o meu uso do italiano e, portanto, teve de trabalhar com todas aquelas palavras que não tinha autorização para dizer ao crescer no seio de uma boa família italiana.

Como sempre, estou profundamente grato aos meus amigos e família, e aos muitos escritores e artistas que tive a sorte de conhecer e com quem trabalhei ao longo dos anos. Obrigado a todos.

LIVRO I

MOSTRO

OUTONO DE 1933

1.

Giuseppe Mariposa esperava à janela com as mãos nas ancas e os olhos no Empire State Building. Para ver o cimo do edifício, com as antenas semelhantes a agulhas a furarem um céu azul-pálido, inclinou-se para a janela e encostou o rosto ao vidro. Vira o edifício subir do chão e gostava de contar aos rapazes que tinha sido um dos últimos homens a jantar no velho Waldorf-Astoria, aquele magnífico hotel que estivera em tempos onde o mais alto edifício do mundo se erguia agora. Afastou-se da janela e sacudiu o pó do casaco.

Abaixo dele, na rua, um homem grande com roupa de trabalho ia sentado numa carroça do lixo que se dirigia preguiçosamente na direção da esquina. Levava um chapéu de coco preto no joelho enquanto segurava umas rédeas de couro usado sobre o flanco de um cavalo com lordose. Giuseppe viu a carroça passar. Quando dobrou a esquina, tirou o chapéu do parapeito da janela, segurou-o junto ao coração e olhou para o seu reflexo numa vidraça. O seu cabelo era agora branco, mas ainda abundante e farto, e alisou-o para trás com a palma da mão. Ajustou o nó da gravata e endireitou-a onde sobressaía um pouco por cima do colete. Num canto escuro do apartamento vazio atrás dele, Jake LaConti tentou falar, mas tudo o que Giuseppe ouviu foi um murmúrio gutural. Quando se virou, Tomasino entrou no apartamento e dirigiu-se para ali com um saco de papel castanho. Tinha o cabelo despenteado como sempre, embora Giuseppe lhe tivesse dito uma centena de vezes para o manter penteado

— e precisava de fazer a barba, como de costume. Tomasino estava sempre em desalinho. Giuseppe dirigiu-lhe um olhar de desprezo que Tomasino, como habitualmente, não percebeu. A gravata estava larga, o colarinho desabotoado, e tinha sangue no casaco amarrotado. Tufos de pelos pretos encaracolados saíam-lhe do colarinho aberto.

— Ele diz alguma coisa? — Tomasino tirou uma garrafa de uísque do saco de papel, desenroscou a tampa e bebeu um gole.

Giuseppe olhou para o relógio de pulso. Eram oito e meia da manhã.

— Achas que ele tem ar de poder dizer alguma coisa, Tommy?

O rosto de Jake estava esmurrado. O maxilar pendia em direção ao peito.

— Eu não queria partir-lhe o maxilar — disse Tomasino.

— Dá-lhe uma bebida — ordenou Giuseppe. — Vê se isso ajuda.

Jake estava encostado à parede e tinha as pernas torcidas sob ele. Tommy arrancara-o do quarto de hotel às seis da manhã, e ele ainda estava de pijama de seda com riscas pretas e brancas com que se fora deitar na noite anterior, só que agora os dois botões de cima haviam sido arrancados, expondo o peito musculoso de um homem na casa dos trinta, cerca de metade da idade de Giuseppe. Quando Tommy se ajoelhou junto a Jake e o levantou ligeiramente, posicionando-lhe a cabeça de forma a poder verter-lhe uísque na garganta, Giuseppe assistiu com interesse e esperou para ver se a bebida ajudaria. Mandara Tommy ao carro buscar o uísque depois de Jake ter desmaiado. O rapaz tossiu, salpicando o peito de sangue. Fitou-os através dos olhos inchados e disse algo que teria sido impossível de perceber se não tivesse dito as mesmas três palavras durante o espancamento.

— Ele é meu pai — articulou de forma quase impercetível.

— Sim, nós sabemos. — Tommy olhou para Giuseppe. — Temos de admitir — disse. — O rapaz é leal.

Giuseppe ajoelhou-se ao lado de Tomasino.

— Jake — disse ele. — Giacomo. Vou encontrá-lo de qualquer maneira. — Tirou um lenço do bolso e usou-o para impedir as mãos

de ficarem sujas de sangue ao virar o rosto do rapaz para ele. — O teu velho — disse ele —, o dia do Rosario chegou. Não podes fazer nada. Os dias do Rosario chegaram ao fim. Compreendes, Jake?

— *Sì* — respondeu Giacomo, a única sílaba que saía claramente.

— Bom — disse Giuseppe. — Onde está ele? Onde está escondido o filho da mãe?

Giacomo tentou mover o braço direito, que estava partido, e gemeu de dor.

— Diz-nos onde está ele, Jake! — gritou Tommy. — Qual é o teu problema?

Giacomo tentou abrir os olhos, como se se esforçasse para ver quem lhe gritava.

— Ele é meu pai — articulou a custo.

— *Che cazzo!* — Giuseppe levantou as mãos. Observou Jake e escutou a sua respiração laboriosa. Os gritos das crianças a brincarem chegaram-lhe da rua e depois desvaneceram-se. Ele olhou para Tomasino antes de sair do apartamento. No corredor, esperou à porta até ouvir o estampido abafado de um silenciador, um som como o de um martelo a bater em madeira. Quando Tommy se juntou a ele, Giuseppe disse: — Tens a certeza de que acabaste com ele?

Pôs o chapéu e inclinou-o como gostava, com a aba para baixo.

— O que achas, Joe? — perguntou Tommy. — Não sei o que estou a fazer? — Como Giuseppe não respondeu, ele revirou os olhos. — A parte de cima da cabeça desapareceu. Tem o cérebro espalhado pelo chão.

No cimo do lanço de escadas que davam para a rua, Giuseppe parou.

— Ele não quis trair o pai. Há que respeitá-lo por isso.

— Era rijo — concordou Tommy. — Ainda acho que me devias ter deixado trabalhar nos dentes dele. Já te disse, não há ninguém que não fale depois disso.

Giuseppe encolheu os ombros, admitindo que Tommy podia ter razão.

— Há ainda outro filho — disse ele. — Estamos a fazer progressos por aí?

— Ainda não — respondeu Tommy. — Ele pode estar escondido com o Rosario.

Giuseppe imaginou o outro filho de Rosario durante um momento antes de os seus pensamentos regressarem a Jake LaConti e ao facto de o rapaz não ter traído o pai apesar da tarefa.

— Sabes uma coisa? — perguntou ele a Tomasino. — Liga à mãe dele e diz-lhe onde encontrá-lo. — Fez uma pausa, pensativo, e acrescentou: — Vão arranjar uma boa agência funerária, vão pô-lo bonito, podem ter um grande funeral.

— Não sei se conseguem pô-lo bonito, Joe — disse Tommy.

— Qual é o nome do tipo daquela agência funerária que fez um ótimo trabalho no O'Banion? — perguntou Giuseppe.

— Sim, já sei a quem te referes.

— Vai buscá-lo — disse Giuseppe, e bateu no peito de Tommy. — Eu próprio trato disso, pago do meu bolso. A família não tem de saber. Diz-lhe para lhes oferecer os seus serviços de graça, que é um amigo do Jake, e assim por diante. Podemos fazer isso, certo?

— Claro — respondeu Tommy. — É simpático da tua parte, Joe. — Deu uma palmadinha no braço de Giuseppe.

— Tudo bem — disse Giuseppe. — Então é isso. — E começou a descer as escadas, dois degraus de cada vez, como uma criança.

2.

Sonny sentou-se no banco da frente de uma carrinha e inclinou a aba do chapéu de feltro para baixo. Não era a sua carrinha, mas não havia ninguém por perto para fazer perguntas. Às duas da manhã, aquele trecho da Eleventh Avenue estava calmo, excetuando um bêbado ocasional a tropeçar ao longo do passeio. Devia haver um polícia de giro algures, mas Sonny achou que podia baixar-se no banco e, mesmo que o polícia reparasse nele, o que era improvável, iria tomá-lo por um rufia a curar a bebedeira num sábado à noite — o que não estaria assim tão longe da verdade, já que ele estivera a beber bastante. Mas não estava bêbedo. Era um homem alto, já com um metro e oitenta aos dezassete anos, musculoso e de ombros largos e não ficava bêbedo facilmente. Abriu a janela lateral e deixou que a brisa fresca do outono vinda do Hudson o ajudasse a manter-se acordado. Estava cansado e, assim que se descontraiu atrás do grande círculo do volante da carrinha, o sono começou a invadi-lo.

Uma hora antes, estivera com Cork e Nico no Juke's Joint, no Harlem. Uma hora antes disso estivera num *speakeasy* algures a meio da cidade, onde Cork o levara depois de terem perdido quase uma centena de dólares entre ambos a jogar póquer com um grupo de polacos em Greenpoint. Haviam-se rido quando Cork dissera que ele e Sonny se deviam ir embora enquanto ainda tinham as camisas no corpo. Sonny também se rira, embora um segundo antes tivesse estado prestes a chamar ao maior polaco da mesa batoteiro filho de uma

cadela. Cork tinha uma forma de adivinhar os pensamentos de Sonny, e tirara-o de lá antes que ele fizesse alguma estupidez. Quando acabou no Juke's, se não estava bêbedo, para lá caminhava. Depois de dançarem um pouco e de beberem ainda mais, ele tivera a sua conta para uma noite e ia a caminho de casa quando um amigo de Cork o parou junto à porta e lhe falou de Tom. Ele quase deu um murro no rapaz antes de se conter e lhe dar antes alguns dólares. O rapaz deu-lhe a morada e agora ele estava sentado numa carrinha velha que parecia remontar à Grande Guerra a ver as sombras moverem-se nas cortinas de Kelly O'Rourke.

Dentro do apartamento, Tom estava a vestir-se, enquanto Kelly passeava pelo quarto com um lençol preso debaixo dos braços. O lençol passava sob um dos seios e arrastava-se pelo chão ao lado dela. Era uma rapariga sem graça com uma cara dramaticamente bonita — pele perfeita, lábios vermelhos e olhos azul-esverdeados emoldurados por caracóis de cabelo vermelho — e havia também algo de dramático na maneira como se movia pelo quarto como se estivesse a representar a cena de um filme e a imaginar Tom como Cary Grant ou Randolph Scott.

— Mas porque tens de ir? — perguntou ela mais uma vez. Tinha a mão livre na testa, como se estivesse a ver se tinha febre. — Estamos a meio da noite, Tom. Porque queres abandonar uma rapariga?

Tom vestiu a camisola interior. A cama de onde acabara de sair era mais um divã do que uma cama e o chão à volta dela estava cheio de revistas, principalmente exemplares do *Saturday Evening Post*, da *Grand* e da *American Girl*. Aos pés dele, Gloria Swanson olhava-o com ar sedutor da capa de uma velha edição da *The New Movie*.

— Boneca — disse ele.

— Não me chames boneca — ripostou Kelly. — Toda a gente me chama boneca. — Encostou-se à parede ao lado da janela e deixou cair o lençol. Posou para ele, inclinando ligeiramente a anca. — Porque não queres ficar comigo, Tom? És um homem, não és?

Tom vestiu a camisa e começou a abotoá-la enquanto olhava para Kelly. Havia algo elétrico e ansioso nos olhos dela que raiava o nervosismo, como se estivesse à espera de que algo surpreendente acontecesse a qualquer momento.

— Deves ser a rapariga mais bonita que já vi — disse ele.

— Nunca estiveste com uma mais bonita do que eu?

— Nunca estive com uma rapariga mais bonita do que tu — declarou Tom. — Nunca.

A ansiedade desapareceu dos olhos de Kelly.

— Passa a noite comigo, Tom — disse ela. — Não vás embora.

Tom sentou-se na beira da cama de Kelly, pensou bem, e a seguir calçou os sapatos.

Sonny viu a luz de um candeeiro de ferro fundido refletida nas linhas paralelas da linha férrea que dividia a rua. Deixou a mão descansar na bola de bilhar aparafusada à manete das mudanças da carrinha e lembrou-se de estar sentado no passeio em criança a ver os comboios de mercadorias descerem ruidosamente a Eleventh, um polícia de Nova Iorque a cavalo à frente para impedir que bêbedos e crianças fossem atropelados. Uma vez vira um homem num fato elegante em pé em cima de um dos vagões. Ele acenara e o homem franzira o sobrolho e cuspira, como se a visão de Sonny o tivesse enojado. Quando perguntou à mãe por que motivo o homem se comportara daquela forma, ela levantara a mão e bradara: «*Sta'zitt!* Um *cafon'* cospe na rua e tu perguntas-me? *Madon'!*» Afastara-se furiosa, o que era a sua resposta típica à maioria das perguntas que Sonny fazia em criança. Parecera-lhe então que todas as frases dela começavam com *Sta'zitt!* ou *V'a Napoli!* ou *Madon'!* Dentro do apartamento, ele era uma peste, um chato ou um *scucc'*, portanto passava todo o tempo que podia lá fora, a correr pelas ruas com as crianças do bairro.

Estar em Hell's Kitchen, olhar para o outro lado da avenida para uma fila de lojas ao nível da rua e dois ou três andares de apartamentos acima delas levou Sonny de volta à sua infância, a todos os anos em que o pai se levantava de manhã e ia de carro até à Hester Street e ao seu escritório no armazém, onde ainda trabalhava — ainda que agora, claro, como Sonny era crescido, tudo fosse diferente, a forma como ele pensava no pai e de como o pai ganhava a vida. Mas naquela altura o pai era um empresário, proprietário com Genco Abbandando do negócio de azeite Genco Pura. Naquela época, quando Sonny via o pai na rua, corria para ele, dava-lhe a mão e tagarelava sobre o que ia na sua cabeça de criança. Sonny via a forma como

os outros homens olhavam para o pai e sentia-se orgulhoso porque ele era um figurão que tinha o seu próprio negócio e todos, *todos*, o tratavam com respeito, de modo que Sonny, quando ainda era criança, chegou a pensar em si próprio como uma espécie de príncipe. O filho do figurão. Tinha onze anos quando tudo isso mudara, ou talvez «alterara» fosse uma palavra melhor, porque ele ainda pensava em si próprio como um príncipe, embora agora, claro, como um príncipe de outro tipo.

Do outro lado da avenida, no apartamento de Kelly O'Rourke por cima de uma barbearia, atrás da familiar treliça preta das escadas de incêndio, uma figura roçou a cortina, afastando-a ligeiramente de forma que Sonny pôde ver uma faixa de luz intensa e um pouco de pele branca rosada e cabelo vermelho, e então foi como se estivesse em dois lugares ao mesmo tempo: o Sonny, de dezassete anos, olhava para a janela com cortinas do apartamento de Kelly O'Rourke, e ao mesmo tempo, o Sonny de onze anos estava numa escada de incêndio a olhar para baixo para uma janela com cortinas e para a sala dos fundos do Murphy's Bar. A sua recordação daquela noite no Murphy's Bar era bastante nítida em alguns momentos. Não era tarde, talvez nove e meia, dez da noite, o mais tardar. Ele acabara de ir para cama quando ouviu a troca de palavras dos pais. Não em voz alta, a mãe nunca levantava a voz ao pai, e Sonny não conseguiu distinguir as palavras — mas um tom inconfundível para um rapaz, um tom que dizia que a mãe estava chateada ou preocupada, e a seguir a porta a abrir e a fechar e o som dos passos do pai na escada. Naquela altura não havia ninguém de guarda à porta da rua, ninguém à espera no grande *Packard* ou no *Essex* preto de oito cilindros para levarem o pai onde ele quisesse. Naquela noite, Sonny viu da janela o pai sair pela porta da rua e descer os degraus da entrada e ir em direção à Eleventh Avenue. Sonny estava vestido e a voar pela escada de incêndio para a rua quando o pai virou a esquina e desapareceu.

Encontrava-se a vários quarteirões de casa quando se deu ao trabalho de perguntar a si mesmo o que estava a fazer. Se o pai o apanhasse, dava-lhe uma boa sova, e porque não? Ele andava na rua quando devia estar na cama. A preocupação fê-lo abrandar e quase se virou e voltou para trás, mas a sua curiosidade levou a melhor

e ele puxou a aba do boné de lã quase até ao nariz e continuou a seguir o pai, saltando para dentro e para fora das sombras e mantendo um quarteirão inteiro entre eles. Quando entraram no bairro onde viviam os miúdos irlandeses, a preocupação de Sonny aumentou bastante. Não estava autorizado a brincar naquele bairro, e não o teria feito mesmo se tivesse autorização, porque sabia que os miúdos italianos eram espancados ali, e tinha ouvido histórias de crianças que tinham entrado nos bairros irlandeses e desaparecido durante semanas antes de aparecerem a flutuar no Hudson. Um quarteirão adiante, o pai caminhava depressa com as mãos nos bolsos e a gola do casaco levantada contra o vento frio que soprava do rio. Sonny seguiu-o, até estarem quase no cais, e ali viu o pai parar por momentos sob um toldo às riscas, diante de um cartaz do Murphy's Bar and Grill. Sonny enfiou-se na frente de uma loja e esperou. Quando o pai entrou no bar, o som de risos e homens a cantar chegou à rua e depois foi silenciado quando a porta se fechou, embora Sonny ainda pudesse ouvi-lo, só que abafado. Atravessou a rua, avançando de sombra em sombra, de loja em loja, até que ficou diante do Murphy's, onde podia ver através de uma janela estreita as figuras escuras dos homens debruçados sobre o balcão.

Com o pai desaparecido, Sonny agachou-se numa sombra e esperou, mas ao fim de apenas um segundo estava de novo em movimento, correndo por uma rua de paralelepípedos e por um beco cheio de lixo. Não seria capaz de dizer exatamente o que estava a pensar, para além de que podia haver uma entrada nas traseiras e talvez ele visse ali alguma coisa — e, de facto, quando chegou à parte de trás do Murphy's, encontrou uma porta fechada e uma janela com cortina ao lado e luz amarelada a brilhar para o beco. Não conseguia ver nada pela janela, portanto subiu para um caixote do lixo de metal do outro lado do beco e de lá saltou para o primeiro degrau de uma escada de incêndio. Um momento depois estava deitado de bruços a olhar para baixo através de um espaço entre a parte superior da janela e uma cortina para a sala dos fundos do Murphy's. A sala estava cheia de caixas de madeira e de cartão, e o pai encontrava-se com as mãos nos bolsos a falar calmamente com um homem que parecia estar amarrado a uma cadeira. Sonny conhecia o homem na cadeira.

Vira-o no bairro com a mulher e os filhos. As mãos do homem encontravam-se escondidas atrás da cadeira, onde Sonny imaginou que estivessem amarradas. À volta da cintura e do peito tinha corda enrolada sobre um casaco amarelo amarrotado. Sangrava do lábio e a cabeça pendia-lhe como se ele estivesse bêbedo ou com sono. Diante dele, o tio de Sonny, Peter, estava sentado sobre uma pilha de caixotes de madeira com o sobrolho carregado enquanto o seu tio Sal tinha os braços cruzados e um ar solene. Ver o tio Sal com ar solene não era nada — costumava estar sempre com aquele ar —, mas o tio Peter de sobrolho carregado era diferente. Sonny sempre o conhecera como um homem com um sorriso pronto e uma história engraçada. Observou do seu poleiro, fascinado agora que encontrara o pai e os tios na sala dos fundos de um bar com um homem do bairro amarrado a uma cadeira. Não podia imaginar o que estava a acontecer. Não fazia a menor ideia. Em seguida, o pai colocou a mão sobre o joelho do homem e ajoelhou-se ao lado dele, e o homem cuspiu-lhe no rosto.

Vito Corleone tirou um lenço do bolso e enxugou o rosto. Atrás dele, Peter Clemenza pegou num pé de cabra que tinha aos pés.

— Já chega! — exclamou. — Já chega para este vadio!

Vito levantou uma mão para Clemenza, indicando-lhe que esperasse.

O rosto de Clemenza ficou vermelho.

— Vito — disse ele. — *V'fancul'!* Não consegues fazer nada com um irlandês teimoso como este.

Vito olhou para o homem ensanguentado e depois para a janela, como se soubesse que Sonny estava empoleirado na escada de incêndio a observá-lo — mas não sabia. Nem sequer viu a janela e a sua cortina suja. Os seus pensamentos estavam com o homem que tinha acabado de lhe cuspir na cara, e com Clemenza, que estava a olhar para ele, e com Tessio atrás de Clemenza. Observavam-no ambos. A sala estava bem iluminada por uma lâmpada nua no teto, a sua corrente a balançar sobre a cabeça de Clemenza. A seguir à porta de madeira trancada, as vozes ruidosas dos homens cantavam e riam no bar. Vito voltou-se para o homem.

— Não estás a ser razoável, Henry — disse ele. — Tive de pedir ao Clemenza o favor pessoal de não te partir as pernas.

Antes de Vito poder dizer mais alguma coisa, Henry interrompeu-o. — Não vos devo nada, seus italianos de merda — disse ele. Mesmo bêbedo, as suas palavras eram claras e cheias daquela melodia musical que era comum aos irlandeses. — Podem voltar todos para a porra da vossa querida Sicília e foder as vossas queridas mães sicilianas.

Clemenza deu um passo atrás. Parecia mais surpreendido do que furioso.

— Vito, o filho da puta é um caso perdido — disse Tessio.

Clemenza pegou de novo no pé de cabra, e de novo Vito levantou a mão. Desta vez, Clemenza arquejou e depois, olhando para o teto, soltou um longo chorrilho de imprecações em italiano. Vito esperou até ele terminar, e depois esperou ainda mais tempo até Clemenza finalmente olhar para ele. Susteve o olhar de Clemenza em silêncio antes de se virar para Henry.

Na escada de incêndio, Sonny encostou as mãos ao peito e rete-sou o corpo contra o frio. O vento aumentara e ameaçava começar a chover. O uivo longo e baixo da buzina de um barco chegou-lhe do rio e encheu as ruas. O pai de Sonny era um homem de estatura média, mas bastante robusto, com braços e ombros musculosos dos dias em que trabalhara nos pátios de manobras. Às vezes, sentava-se na beira da cama de Sonny à noite e contava-lhe histórias dos dias em que carregara e descarregara mercadorias dos vagões. Só um louco cuspiria na cara dele. Isso foi o melhor que Sonny conseguiu pensar para justificar algo tão ultrajante: o homem na cadeira tinha de ser louco. Pensar assim acalmou Sonny. Durante algum tempo tivera medo porque não sabia como interpretar o que tinha visto, mas então viu de novo o pai ajoelhar-se para falar com o homem e, na sua postura, reconheceu os modos calmos e razoáveis que usava quando falava a sério, quando havia algo importante que Sonny devia entender. Fê-lo sentir-se melhor pensar que o homem era louco e que o pai estava a falar com ele, tentando levá-lo à razão. Tinha a certeza de que a qualquer momento o homem assentiria com a cabeça e o pai iria libertá-lo, e o que quer que fosse que estava errado seria resolvido, pois obviamente fora por isso que tinham chamado

o seu pai, para remediar qualquer coisa, para resolver um problema. Toda a gente no bairro sabia que o seu pai resolvia problemas. Toda a gente sabia isso a respeito dele. Sonny assistiu à cena que se desenrolava abaixo dele e esperou que o pai resolvesse tudo. Em vez disso, o homem começou a debater-se na cadeira, o rosto enfurecido. Parecia um animal a tentar soltar-se das correntes, e então inclinou a cabeça e tornou a cuspir no pai de Sonny, o cuspo cheio de sangue de modo que pareceu que de alguma forma ele conseguira fazer alguns danos, mas era apenas o seu próprio sangue. Sonny vira o cuspo ensanguentado sair da boca do homem. Vira-o a salpicar o rosto do pai.

O que aconteceu a seguir é a última coisa de que Sonny se lembra dessa noite. É uma daquelas recordações, não raras na infância, que são estranhas e misteriosas na altura, mas que depois se esclarecem com a experiência. Naquele momento Sonny ficou perplexo. O pai levantou-se e limpou a saliva do rosto. A seguir, olhou para o homem antes de lhe virar as costas e se afastar, mas apenas alguns metros, até à porta, onde ficou imóvel enquanto atrás dele o tio Sal tirava, que estranho, uma fronha do bolso do casaco. O tio Sal era o mais alto dos três homens, mas caminhava curvado, os seus longos braços a penderem junto ao corpo como se não soubesse o que fazer com eles. *Uma fronha*. Sonny articulou as palavras, num sussurro. O tio Sal foi para trás da cadeira e cobriu a cabeça do homem com a fronha. O tio Pete pegou no pé de cabra e desferiu com ele um golpe, e o que aconteceu depois disso foi confuso. Sonny lembrava-se claramente de algumas coisas: o tio Sal a pôr a fronha branca sobre a cabeça do homem, o tio Pete a brandir o pé de cabra, a fronha branca a ficar vermelha, muito vermelha, e os seus dois tios inclinados sobre o homem na cadeira a fazer coisas, a soltarem-lhe as cordas. Para além disso, não conseguia lembrar-se de mais nada. Devia ter ido para casa. Devia ter-se enfiado na cama. Não se lembrava de nada, porém, de nada mesmo. Tudo até à fronha era bastante claro e depois disso ficava distorcido até a recordação desaparecer completamente.

Durante muito tempo, Sonny não soube o que tinha testemunhado. Levou anos a juntar todas as peças.

Do outro lado da Eleventh Avenue, a cortina esvoaçou sobre a barbearia e a seguir foi aberta e Kelly O'Rourke, emoldurada pela janela, olhou para baixo para a avenida como um milagre — um clarão rápido de luz sobre o corpo de uma jovem cercado por escadas de incêndio pretas, paredes sujas de tijolo vermelho e janelas escuras.

Kelly olhou para a escuridão e tocou na barriga, como andava a fazer inconscientemente uma e outra vez durante as últimas semanas, tentando sentir alguma palpitação da vida que sabia estar a formar-se ali. Passou os dedos sobre a pele ainda firme e musculada e tentou ordenar as ideias, reunir os pensamentos soltos que seguiam em todas as direções. A família e os irmãos já a ostracizavam, exceto talvez Sean, portanto que lhe importava o que eles pensavam? Tinha tomado um dos comprimidos azuis no clube e isso deixara-a a sentir-se leve e nas nuvens. Dispersava-lhe os pensamentos. Diante dela havia só escuridão e o seu próprio reflexo no vidro. Era tarde e as pessoas estavam sempre a deixá-la sozinha. Comprimiu a mão sobre o estômago, tentando sentir alguma coisa. Por muito que tentasse, não conseguia ordenar os pensamentos, mantê-los focados.

Tom contornou Kelly e fechou as cortinas.

— Vamos, querida — disse ele. — Para que queres fazer isso?

— Fazer o quê? — perguntou Kelly.

— Ficar diante da janela dessa maneira?

— Porquê? Tens receio de que alguém te veja aqui comigo, Tom?
— Kelly colocou a mão na anca e depois deixou-a cair num gesto de resignação. Continuou a andar pelo quarto, os olhos no chão num momento, nas paredes no seguinte. Parecia não dar por Tom, os seus pensamentos longe dali.

— Kelly, ouve. Comecei a faculdade há algumas semanas e se não voltar...

— Oh, para com as lamúrias — disse Kelly. — Pelo amor de Deus.

— Não estou com lamúrias — retorquiu Tom. — Estou a tentar explicar.

Kelly parou de andar.

— Eu sei — disse ela. — És um bebé. Eu sabia isso quando te escolhi. Quantos anos tens? Dezoito? Dezanove?